



EDUCAmazônia, Humaitá - Amazonas, Volume XIX, nº 1, jan-jul. 2026, p. 264-278.

## EXTRATIVISMO E COLONIALISMO DE DADOS NA TERRA DO AIPIM: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO – RS

## EXTRACTIVISM AND DATA COLONIALISM IN THE LAND OF CASSAVA: A CASE STUDY IN THE MUNICIPALITY OF SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO - RS

Cláudio Gerhardt<sup>1</sup>

**Resumo:** Inseridos em uma sociedade caracterizada pela multitarefa e pela busca incessante por eficiência máxima, destaca-se o papel das tecnologias na otimização das atividades diárias. Tal cenário motivou a questão central desta pesquisa: como ocorre o processo de informação da população de São José do Hortêncio acerca do extrativismo e colonialismo de dados? O estudo tem como objetivo principal compreender o funcionamento do extrativismo de dados, avaliar o nível de conhecimento da comunidade sobre o tema e investigar estratégias para resistir às lógicas capitalistas que influenciam as subjetividades locais. De caráter qualitativo, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: uma análise documental, baseada em materiais disponíveis no portal de periódicos da Capes, e um estudo de caso conduzido por meio da aplicação de questionários digitais aos moradores de São José do Hortêncio. Os resultados revelaram que o conhecimento da população sobre o conceito de extrativismo de dados é limitado, frequentemente restrito à associação com fraudes financeiras, sem abordar sua complexidade e as práticas corporativas envolvidas. Essa desconexão evidencia a necessidade urgente de ações educativas e de conscientização, de modo a capacitar os indivíduos a reconhecer e questionar as dinâmicas de poder que moldam suas interações no ambiente digital.

**Palavras-chave:** Extrativismo de dados; São José do Hortêncio; Controle social; Subjetividades; Digitalização.

<sup>1</sup> Doutorando pelo programa de Pós-Graduação de Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PPGIE/UFRGS. Supervisor Educacional na prefeitura municipal de São José do Hortêncio, Rio Grande do Sul, Brasil. [claudio.gerhardt@edu.saojosedohortencio.rs.gov.br](mailto:claudio.gerhardt@edu.saojosedohortencio.rs.gov.br). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2410-546X>



**Abstract:** Embedded in a society characterized by multitasking and the relentless pursuit of maximum efficiency, technologies play a prominent role in optimizing daily activities. This scenario inspired the central question of this research: how does the information process of the population of São José do Hortêncio regarding data extractivism and colonialism occur? The study primarily aims to understand the workings of data extractivism, assess the community's level of knowledge about the subject, and investigate strategies to resist the capitalist logics that influence local subjectivities. Qualitative in nature, the research was conducted in two stages: a document analysis based on materials available on the Capes journal portal, and a case study carried out through digital questionnaires applied to the residents of São José do Hortêncio. The results revealed that the population's knowledge of the concept of data extractivism is limited, often restricted to associations with financial fraud, without addressing its complexity and the corporate practices involved. This disconnection highlights the urgent need for educational and awareness initiatives to empower individuals to recognize and question the power dynamics shaping their interactions in the digital environment.

**Keywords:** Data extractivism; São José do Hortêncio; Social control; Subjectivities; Digitalization.



## 1 INTRODUÇÃO

Essa é a realidade que vivemos atualmente. É assim que as nossas sociedades estão sendo alteradas por estas novas forças, grandemente ocultas, amplas e poderosas do colonialismo de dados, as quais têm construído uma nova ordem social e que construirão um novo estágio do capitalismo. Claro está quais são essas forças. O que não se sabe ainda é se iremos resistir.(COULDRY, 2020, p.22)

A epígrafe que compõe o início desta escrita faz referência que a massiva presença das tecnologias digitais em nosso cotidiano tem favorecido a construção de novos parâmetros de comportamento. Instantaneidade e rapidez é a ordem do momento presente, no qual, praticamente todas as atividades diárias são mediadas por aparatos tecnológicos. Ações essas que geralmente visam fornecer lucro para alguém. As empresas oferecem um serviço para facilitar a vida dos usuários, em troca extraem dados sobre seus perfis comportamentais e de consumo para que o círculo vicioso do capitalismo continue sendo alimentado.

Inseridos nesta contemporaneidade abstrata e gasosa, atarefados em nossos afazeres para a nossa sobrevivência, sendo bombardeados de informações por todos os lados, mas empobrecidos de conhecimentos concretos, não será possível resistir às investidas desta nova racionalidade que está sendo construída no tempo presente, visto que, a decisão coletiva é de utilizar, cada vez mais, a realidade digital, logo, não basta dizer que você não acessa as redes sociais, não realiza compras pela internet, de alguma maneira você será capturado pelas estratégias que são utilizadas por essa nova racionalidade, visto que, a decisão da coletividade se sobrepõe às decisões individuais de cada sujeito.

O fenômeno da digitalização da vida(CRUZ, LARA e PASSOS, 2023), e com ela, ocorre aspectos do colonialismo e também a extratificação de dados pelas empresas multinacionais estimulam a construção de hábitos consumistas e elevando a atualidade a uma nova fase do capitalismo, visto que, o “Colonialismo de dados é uma ordem emergente, social e econômica para a apropriação da vida humana de forma que se possam extrair continuamente dados dela visando o lucro”(COULDRY, 2020, p.03).

O sentimento de onipresença que os usuários experimentam com o uso constante das telas colabora para que não seja feita uma clara distinção entre o real e o virtual, onde constantemente a realidade é banalizada pela virtualidade e o ambiente virtual simula a



realidade em que o usuário está inserido, estimulando assim uma maior identificação e personalização de suas ações, onde suas características, jeitos, anseios e desejos são capturados pelos estímulos eletrônicos e transformado em dados que subsidiarão a lógica capitalista.

Incorporados nesta sociedade multi tarefas, onde não é permitido pausas, a eficiência máxima é exigida a todo momento, sendo necessário utilizar todo e qualquer tipo de máquinas para otimizar e acelerar as suas atividades diárias. Diante deste cenário é apresentada a questão norteadora deste estudo: Como ocorre o processo de informação da população de São José do Hortêncio sobre o extrativismo e colonialismo de dados? Esse questionamento propicia a formulação dos seguintes objetivos: Entender como ocorre o processo de extrativismo de dados; Verificar se a população de São José do Hortêncio possui conhecimento sobre tal processo; Refletir se existe alguma maneira de resistir a essa lógica de produção de subjetividades capitalistas.

Diante dos objetivos traçados, este trabalho assume o desafio de tensionar as racionalidades que são impostas aos moradores do município de São José do Hortêncio para entender como essas agem constituído as subjetividades dos indivíduos, para que os mesmos se mantenham dentro do sistema capitalista de governo. Essa investigação visa preencher uma lacuna importante sobre o nível de conscientização da população acerca dessas práticas e suas implicações. Ao estabelecer objetivos como compreender o funcionamento do extrativismo de dados, avaliar o nível de conhecimento da comunidade sobre o tema e refletir sobre possíveis formas de resistência às lógicas capitalistas de produção de subjetividades, a pesquisa assume o compromisso de tensionar as racionalidades impostas aos moradores.

A presente pesquisa se justifica pela relevância dos impactos do extrativismo e colonialismo de dados em uma sociedade contemporânea marcada pela aceleração de atividades e pela dependência de tecnologias digitais. Incorporados em uma lógica social que prioriza a eficiência máxima e inviabiliza pausas, os indivíduos são constantemente impelidos a utilizar máquinas e sistemas digitais para otimizar suas tarefas cotidianas. Esse contexto não apenas redefine as interações humanas, mas também intensifica processos de exploração invisíveis associados à coleta e uso de dados pessoais, promovendo a reprodução de dinâmicas capitalistas.



Além disso, este trabalho contribui para uma análise crítica das estruturas que constituem as subjetividades dos indivíduos no contexto do sistema capitalista de governo. Identificar como essas racionalidades operam é essencial para propor estratégias de resistência e transformação, promovendo maior autonomia e consciência digital na comunidade. A relevância acadêmica e social do estudo reside na possibilidade de ampliar a discussão sobre práticas de exploração invisíveis no âmbito digital e de fomentar o debate público sobre alternativas éticas para o uso e proteção de dados.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

### **2.1 METODOLOGIA**

Ler, refletir, produzir e pensar sobre a temática de estudo é um desafio grandioso, mas também, de certa forma, complexo, visto que, esta pesquisa é de cunho qualitativo desenvolvido em duas etapas: a primeira uma pesquisa documental<sup>3</sup> sobre o que já se produziu de conhecimentos registrados no portal de periódicos da Capes e a segunda assume aspectos de um estudo de caso desenvolvido com os moradores de São José do Hortêncio. Para a coleta de dados para a realização do estudo de caso foi produzido e aplicado um questionário digital. sendo este produzido através do aplicativo do google forms com as seguintes questões centrais: se o participante da pesquisa sabe o que significa o extrativismo de dados e se ele poderia descrever o conceito?; E a outra pergunta é se ele sabe para que é realizada essa ação? O questionário foi enviado aos participantes através do aplicativo do whatsapp para moradores do município de São José do Hortêncio. Foram coletadas no total 113 respostas.

### **2.2 Local e sujeitos da pesquisa**

O município de São José do Hortêncio está localizado na microrregião de Montenegro, no estado do Rio Grande do Sul. Sua área territorial, situada entre a região da Encosta da Serra Gaúcha, o vale do Caí e a região metropolitana da capital Porto Alegre, permite o escoamento diário da produção de hortifrutigranjeiros e demais produtos agrícolas. Faz divisa com os municípios Linha Nova, Portão, Feliz, São

---

<sup>3</sup> O item de metodologia foi colocado propositalmente com item 2, antes do referencial teórico, devido que, como a primeira parte da pesquisa é bibliográfica, logo, os autores que compõem o referencial teórico fazem parte dos dados coletados para as análises das investigações aqui propostas.



Sebastião do Caí, Presidente Lucena e Lindolfo Collor. Sua população é de 4.447 habitantes.

No sistema educacional o município conta com uma escola de Educação Infantil e três escolas de Ensino Fundamental, sendo duas escolas de campo, somente a escola localizada na zona urbana do município atende os estudantes do Ensino Fundamental Completo. Já a única escola da rede estadual de ensino localizada no município atende os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio com aulas noturnas.

A cultura ancestral é profundamente valorizada pelo município de São José do Hortêncio. As tradicionais festas de Kerb, bailes, grupos de Danças, Corais e Orquestra são algumas das formas de demonstração desses costumes e tradições. A Festa Municipal do Aipim, que acontece a cada dois anos, é uma festa tradicional do município.

### **2.3 REFERENCIAL TEÓRICO: INICIANDO AS REFLEXÕES SOBRE OS DADOS COLETADOS.**

A reflexão sobre a atualização das racionalidades (des)coloniais se faz necessário ser desenvolvida no tempo presente. Essas racionalidades são desenvolvidas ao longo dos períodos históricos, ao mesmo tempo que, são recorrente de todo um processo de transformação histórico/cultural de uma sociedade.

Pensando na expressão atual do colonialismo assentado em dados, os recursos apropriados hoje são todas as atividades e relações humanas que possam ser transformadas em dados. As relações envolvidas nessa apropriação seguem assimétricas, principalmente ao pensar na relação dos países que comandam as *big techs* com os países que possuem o maior número de usuários ativos em suas plataformas. Esses recursos não são compartilhados com as pessoas que cedem seus dados e o marketing dessas plataformas, que modula suas visões de mundo, as faz acreditar que seus dados estão sendo coletados meramente para que a experiência delas na plataforma seja otimizada.(MACHADO, 2023, p.53-54)

Os sujeitos que são capturados por essas grandes plataformas, geralmente não refletem sobre as consequências, ou melhor, não são conscientes sobre o que o uso delas podem provocar. Em outras palavras, é uma prática naturalizada pelos usuários não questionar a magnitude das ações do que é ou será feito com seus dados pessoais. O fornecimento das informações pessoais de forma inconsciente e voluntária, potencializa





o controle das subjetividades individuais e coletivas, através das manipulações digitais das informações, onde o usuário acredita que está apenas colaborando para o aprimoramento da plataforma que faz o uso.

O colonialismo de dados não acontece somente nas relações entre países, mas também entre as grandes corporações que controlam as grandes plataformas e seus usuários, visto que, os dados coletados são transformados em matérias primas para as empresas moldarem seus negócios. Essas *Big techs* não acumulam apenas informações, mas constroem um sistema de poder que estimula o domínio e o controle do comportamento e crenças que os indivíduos constroem, sendo guiados pelos interesses das grandes corporações, gerando, assim, uma condição do que podemos chamar de “governo digital”(MACHADO, 2023), no qual as subjetividades são sistematicamente transformadas para atender as lógicas do sistema capitalista imposto na atualidade.

Essa situação de governo não é uma forma fixa de poder, mesmo que os sujeitos agem sem muito discernimento sobre os processos que estão participando, por consequência, não é possível construir na sua individualidade e nem mesmo na coletividade alguma forma de resistência eficiente, visto que, conforme nos alerta Foucault(2014) que o poder não é algo que é exercido de forma hierarquicamente na verticalidade, mas sim na horizontalidade envolvendo todos os individuais de uma sociedade, prevendo sempre uma possibilidade de resistência, neste caso do colonialismo de dados, acredita-se que apenas seja possível construir o que chamamos de micro resistência, ou pequenas ações de resistência em nosso cotidiano.

Com a definição das ideias iniciais de pesquisa, surge a necessidade de conhecer o que já foi produzido na atualidade a respeito do objeto de pesquisa deste estudo: o colonialismo e extrativismo de dados em São José do Hortêncio. Esse movimento não só auxilia em justificar meu estudo, como se constituiu num processo de ampliação de conhecimentos e produções de pesquisa que encontram articulação com meu tema de pesquisa.



Para realizar esse levantamento, o movimento de busca no portal de periódicos da Capes<sup>4</sup>. A escolha por esses locais de pesquisa se dá pelo fato de que o Portal de Periódicos da CAPES é uma plataforma essencial para a comunidade acadêmica brasileira, oferecendo acesso a uma vasta coleção de conteúdos científicos, incluindo periódicos, bases de dados e outros materiais relevantes. Seu principal objetivo é democratizar o acesso à informação científica em todo o Brasil, ajudando a reduzir desigualdades regionais. Além disso, ele desempenha um papel crucial no desenvolvimento da pesquisa e inovação no país, apoiando a produção científica e promovendo a visibilidade da ciência brasileira no cenário internacional.

Para realizar a busca nesse catálogo digital foi utilizado o termo “colonialismo de dados”, optou-se por esse descritor pelo fato de que são esses os termos que melhor definem a ideia inicial da pesquisa. A utilização de mais de uma palavra se dá pela necessidade de refinar a busca, em virtude da aplicação de apenas uma palavra como “colonialismo”, “extrativismo” ou “dados” apresentaria uma infinidade de resultados, os quais seriam altamente abundantes e o mapeamento tornar-se-ia praticamente impossível, visto que esses

catálogos são organizados pela ideia de acumulação – reunir tudo o que se tem de avanço da ciência em um único lugar; pelo fascínio de se ter a totalidade de informações – dominar um campo de produção de um conhecimento, visão absoluta de poder; pela possibilidade de otimização da pesquisa – ganhar tempo, recuperar velozmente informações, com menor esforço físico; pelo mito da originalidade do conhecimento – pesquisar o que não se conseguiu ainda, fazer o que ainda não foi feito; pela imagem de conectividade – estar informado com tudo que se produz em todos os lugares. (FERREIRA, 2002, p.260-261).

Outro motivo de considerar esses espaços na realização da pesquisa, se dá pelo fato, de que é possível realizar o rastreamento dos conhecimentos que já foram construídos e divulgados no ambiente acadêmico, uma vez que nesses repositórios ou catálogos, existem vários filtros de buscas, “eles podem ser consultados em ordem

---

<sup>4</sup> Tendo a compreensão da vasta produção de conhecimento que é realizada em nosso país, é importante destacar que esses catálogos são atualizados em curtos períodos e que a realização de uma nova pesquisa neste mesmo local, em um outro momento, pode apresentar resultados diferenciados. Pesquisa realizada no site:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?q=all%3Acontains%28colonialismo+de+dados%29&mode=advanced&source=all>. Acesso 10/01/2025.





alfabética por assuntos, por temas, por autores, por datas, por áreas” (FERREIRA, 2002, p. 261).

Na realização do primeiro movimento de busca neste repositório foram encontrados 150 resultados. Para minimizar ainda mais os resultados encontrados, apliquei os seguintes filtros: No filtro denominado tipo, selecionei somente artigos. Já em relação aos anos considerei somente os cinco (2020, 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025) últimos de produção, em virtude que é necessário delimitar um tempo específico, para que seja possível analisar com maior profundidade os resultados obtidos, portanto, a intenção é de considerar as produções mais recentes sobre o assunto a ser pesquisado. Na grande área de conhecimento, selecionei o item das ciências humanas. Ainda foram marcados os filtros de revisão por pares e de idioma de Língua Portuguesa e produção nacional. Com a aplicação destes filtros, resultou no apontamento de 21 trabalhos que consideram a temática do colonialismo de dados em suas pesquisas.

Após fazer a leitura e uma rápida análise dos resultados encontrados até o momento, é possível afirmar que todos são trabalhos bem interessantes e relevantes dentro de sua área de concentração. Contudo, nenhum deles vincula o colonialismo de dados a um estudo de caso, em nenhuma região do Brasil, logo.

Em segundo movimento de busca neste mesmo repositório, realizado no mesmo dia do primeiro movimento, adicionando ao descritor “colonialismo e extrativismo de dados” foram encontrados apenas dois resultados os quais serão analisados na sequência, inicialmente realizando a tabulação com o quadro abaixo.

Quadro 1: artigos selecionados para análises

Título	Autores	Periódico de publicação	Ano de Publicação	Link de Publicação
Subimperialismo de dados: uma crítica ao colonialismo de dados diante das Big Techs sul-americanas	Kenzo Soares Seto	Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura	2023	<a href="https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/19199">https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/19199</a>
Inteligência Artificial, ChatGPT e Estudos Organizacionais	Josiane Silva de Oliveira; Ianaira	Revista Organizações & Sociedade. , Escola de Administração	2023	<a href="https://www.scielo.br/j/osoc/a/czVX8dZ88rpfFvSsXxw7YK">https://www.scielo.br/j/osoc/a/czVX8dZ88rpfFvSsXxw7YK</a>



	Barreto Souza Neves	Universidade Federal da Bahia		<a href="#">P/?format=pdf &amp;lang=pt</a>
--	---------------------------	----------------------------------	--	--

Fonte: Produzida pelo autor

Em seu trabalho SETO(2023), refletiu sobre a inserção da América do Sul no capitalismo de plataforma, utilizando a categoria de Subimperialismo de dados como uma chave interpretativa. Essa categoria refere-se à formação de centros regionais de acumulação de dados e capital vinculados ao Big Data dentro de um contexto de capitalismo dependente, situando-se em uma posição intermediária entre países hegemônicos e as chamadas “colônias de dados” na divisão internacional do extrativismo de dados, na plataformização do trabalho e na dependência tecnológica. O estudo retoma a teoria do subimperialismo de Ruy Mauro Marini e suas bases na Teoria Marxista da Dependência (TMD) para investigar a expansão das Big Techs na América do Sul.

Já as autoras Oliveira e Neves(2023), objetivaram refletir sobre o crescimento da utilização das Inteligências Artificiais (IAs) no âmbito científico, como é o caso do Connected Papers e do ChatGPT, nos leva a refletir sobre como essas ferramentas tecnológicas se tornaram mediadoras e participantes no contexto educacional e acadêmico. No campo das teorias organizacionais, as autoras identificaram dois desafios que são enfrentados no cotidiano. O primeiro desafio diz respeito ao combate ao colonialismo digital que as IAs impõem, uma vez que elas se desenvolvem a partir da reprodução de modelos de linguagem criados em países do “Norte global”. O segundo desafio refere-se às implicações da automatização da escrita acadêmica na área de administração.

Desta forma, as autoras sinalizam que é fundamental refletir sobre como o uso das IAs pode, contemporaneamente, reproduzir nossa posição no campo científico, caracterizada pelo extrativismo de dados científicos, e como a limitação do ensino da escrita acadêmica em administração pode ser vista como uma reprodução de uma “programação assistida” de modelos de linguagem hegemônicos.

Levando em consideração as respostas dos estudos encontrados até o momento, podemos perceber que os conceitos de colonialismo e extrativismo de dados, estruturados pelo pensamento e sistema capitalista, são de grande potencialidade para entender e



pensar diferente sobre as racionalidades, que formam as estratégias de governo no tempo presente.

### 3 RESULTADOS

A análise dos dados coletados com aplicação do questionário revelaram que, entre os sujeitos que participaram da pesquisa, apenas 15,9% (18) dos participantes responderam que sabiam o que era extrativismo de dados, e os outros 84,1% (95) marcaram que não sabem do que se trata o assunto, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

Quadro 2: Gráfico dos dados coletados com o questionário.



Fonte: Produzida pelo autor

O resultado obtido na primeira pergunta é muito preocupante, visto que, a grande maioria da população participam involuntariamente desta extração de dados, logo, nem fazem ideia das quais as intenções estão por detrás das comodidades que as grandes empresas, as *big techs*, possuem ao oferecer um serviço que facilita a nossa vida cotidiana. Essa extração massiva de dados, possui como finalidade a “dominação” do capital mundial por uma pequena parcela da população, dando continuidade aos ideais de séculos passados, como por exemplo nos sec. XV e XVI que as potências Europeias lançaram seus interesses financeiros sobre outras regiões do globo terrestre, inclusive a recém



“descoberta” América, “talvez a continuidade mais profunda entre o colonialismo de dados atual e o colonialismo histórico esteja no nível da racionalidade: a lógica que justifica a apropriação dos recursos mundiais por uma parte pequena do mundo”(COULDRY, 2020, p.22).

Quando buscamos analisar a definição do conceito desenvolvido pelos participantes da pesquisa, houve apenas 3 participantes, dos 18(15,9%) que responderam afirmativamente que sabiam o que era a extração de dados e acrescentaram uma definição para definir tal ação, a qual não está relacionada com as *big techs*. Logo, com os dados coletados sobre o motivo pelo qual é realizada essa ação indicaram somente a ação de que os dados pessoais de cada indivíduo é coletado para a aplicação de golpes de cunho financeiro. Segundo as respostas dos participantes, esses golpes geralmente são aplicados por indivíduos de má índole que tentam tirar vantagem financeira de outras pessoas, nenhuma resposta relatou as questões da extração de dados coletados por grandes corporações mundiais e nem mencionou a questão de formação de padrões para impulsionar o consumo.

Diante dos dados obtidos nesta pesquisa, podemos considerar que as definições apresentadas pelos poucos que conhecem o conceito não abordam a complexidade do extrativismo de dados realizado por grandes corporações, limitando-se a associá-lo a fraudes financeiras. Essa desconexão entre a percepção pública e a realidade do extrativismo de dados ressalta a urgência de promover uma maior educação e conscientização sobre o tema, a fim de capacitar os indivíduos a reconhecerem e questionarem as dinâmicas de poder que moldam suas interações digitais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de informação da população de São José do Hortêncio sobre o extrativismo e colonialismo de dados parece ser bastante limitado. A pesquisa revelou que apenas 15,9% dos participantes têm conhecimento sobre o que é extrativismo de dados, enquanto 84,1% não têm ideia do que se trata. Isso indica que a informação sobre esses temas não está sendo disseminada de forma eficaz na comunidade. A falta de conhecimento pode ser atribuída à ausência de iniciativas educacionais, campanhas de conscientização ou discussões públicas que abordem a complexidade do extrativismo de dados e suas implicações. Além disso, a percepção predominante entre os participantes



que conhecem o conceito está restrita a fraudes financeiras, sem uma compreensão mais ampla das práticas realizadas por grandes corporações.

O processo de extrativismo de dados ocorre quando informações pessoais são coletadas, analisadas e utilizadas por empresas, especialmente as grandes corporações de tecnologia, para fins de lucro. Essa coleta é frequentemente invisível para os usuários, que muitas vezes não percebem que suas interações digitais estão sendo monitoradas e utilizadas para criar perfis de consumo. A pesquisa sugere que a maioria da população participa involuntariamente desse processo, sem entender as intenções por trás das comodidades oferecidas pelas big techs. Essa dinâmica reflete uma continuidade histórica de exploração, semelhante ao colonialismo, onde uma minoria se apropria dos recursos de uma maioria.

A coleta massiva de dados pessoais sem consentimento explícito resulta na erosão da privacidade dos indivíduos, gerando uma sensação de monitoramento constante e, por conseguinte, comprometendo a liberdade de expressão e a autonomia no ambiente digital. Algoritmos baseados em conjuntos de dados enviesados podem reforçar desigualdades preexistentes, contribuindo para a exclusão de grupos marginalizados em diversos setores, como o financeiro, educacional e de saúde.

A utilização de técnicas avançadas de análise de dados permite a influência direta sobre os comportamentos individuais, especialmente por meio de publicidade direcionada e manipulação de conteúdo, reduzindo a capacidade dos sujeitos de realizar escolhas plenamente autônomas. O domínio dos dados por grandes corporações tecnológicas perpetua a concentração de poder econômico e informacional, dificultando a concorrência e ampliando disparidades no mercado.

A vigilância constante e a personalização excessiva no ambiente digital podem fomentar uma sensação de ansiedade e alienação, prejudicando a formação de relações interpessoais autênticas. Grupos de baixa renda frequentemente são excluídos do acesso a plataformas que priorizam a privacidade, ficando dependentes de serviços de baixo custo que dependem da exploração intensiva de dados.

Esses impactos revelam a complexidade da problemática relacionada ao extrativismo de dados e seus desdobramentos sociais, exigindo reflexões aprofundadas e estratégias efetivas para mitigar as consequências adversas e promover um ambiente digital mais equitativo e inclusivo.



Para resistir à lógica de produção de subjetividades capitalistas associada ao extrativismo de dados, é fundamental promover uma maior educação e conscientização sobre o tema. Isso pode incluir: Campanhas de Conscientização: Realizar eventos, palestras e workshops que abordam o extrativismo de dados, suas implicações e a importância da privacidade digital; Educação Formal: Integrar o tema nas escolas e instituições de ensino, para que as novas gerações compreendam melhor o uso de dados e suas consequências; Uso de Tecnologias Alternativas: Incentivar a adoção de plataformas que priorizam a privacidade e a proteção de dados, ajudando a criar uma cultura de resistência; Mobilização Comunitária: Fomentar discussões e grupos de apoio na comunidade para compartilhar informações e estratégias sobre como lidar com a coleta de dados.

Essas ações podem ajudar a capacitar os indivíduos a reconhecerem e questionarem as dinâmicas de poder que moldam suas interações digitais, promovendo uma resistência mais efetiva ao extrativismo de dados e suas consequências.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULDRY, Nick. **Colonialismo de dados e esvaziamento da vida social antes e pós pandemia de Covid-19**. In: XIX Simpósio Internacional IHU – Homo Digitalis. A escalada da algoritmização da vida em tempos de pandemia, 2020. Disponível em: [https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/eventos/simposio\\_homo\\_digitalis/conferencias\\_pdf/Nick](https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/eventos/simposio_homo_digitalis/conferencias_pdf/Nick). Acesso em: 25 de junho de 2024.

CRUZ, Lilian Rodrigues da. LARA, Lutiane de. PASSOS, Patrícia dos. **Digitalização da vida e produção de subjetividades** [livro eletrônico] / organização Lutiane de Lara, Lilian Rodrigues da Cruz, Patrícia dos Passos. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

MACHADO, Débora Franco. **Colonialismo de Dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Org.). São Paulo, SP. Autonomia Literária, 2021.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; NEVES Ianaira Barreto Souza. **Inteligência Artificial, ChatGPT e Estudos Organizacionais**. Revista Organizações & Sociedade 2023,





30(106), 397- 409. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/osoc/a/czVX8dZ88rpfFvSsXxw7YKP/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

SETO, Kenzo Soares. **Subimperialismo de dados:** uma crítica ao colonialismo de dados diante das Big Techs sul-americanas. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura, 25(2), 165–184. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/19199>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

*Submetido em:* 10 de novembro de 2025.

*Aprovado em:* 01 de dezembro de 2025.

*Publicado em:* 01 de janeiro de 2026.